

A CASA TOMBADA - lugar de arte, cultura e educação

Faconnect

Escutas antropológicas e poéticas das infâncias - a vez e a voz das
crianças

ELOISA FERREIRA REA MONTEIRO

Interações *online* na pandemia - a vez e a voz das crianças pelas telas em 2020

Trabalho realizado sob a orientação
do professor Giuliano Tierno, em exigência parcial,
para obtenção do certificado de especialista,
como concluinte do curso de pós-graduação Lato-sensu
"A vez a e a voz das crianças - Escutas antropológicas e poéticas das infâncias".

SÃO PAULO - 2021

Para Rafael, para Felipe, e para André, que serão eternamente, minhas três crianças.

25/08/18 - 1a aula - Adriana Friedmann
“Cada professor é um mundo”;
“Vamos ocupar a Casa”.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, principalmente ao meu companheiro César, que segurou muitas barras para que eu pudesse seguir.

Agradeço aos amigos, família que a gente escolhe, principalmente Lara Moreira que me cutucou para não desistir.

Agradeço aos colegas de dois anos de curso, intenso e transformador, especialmente a Nana, que foi parceira até o fim, em todos os sentidos.

Agradeço ao orientador mais do que querido e fonte de inspiração, Giuliano Tierno, por ter dado a mão e seguido comigo até o final da festa.

Agradeço a coordenadora do curso Adriana Friedmann por sua delicadeza, potência e maestria.

Agradeço ao planeta, nossa morada.

*"Sujeito da experiência é aquele que perde o pé."
"Parar pra pensar não é coisa a toa."
Giuliano Tierno*

"A gente entra no território, a gente não tira a criança do lugar dela. A gente pede licença e entra."

Adriana Friedmann

NOTAR

*Ao chegar à Casa Tombada, olhares.
Tombam sobre cada um que adentra, olhares.
Trocamos ao longo do percurso, olhares.
Notamos uns aos outros, olhares.*

RESUMO

Este trabalho se propõe a discutir as novas relações que foram estabelecidas entre as crianças e as telas no ano de 2020, com o advento da pandemia. Em uma sociedade caracterizada pelo avanço da cultura digital, pela crítica de especialistas e de senso comum, da sua presença na primeira infância, por imprimir uma aceleração nos processos de desenvolvimento e a favor do consumo e do imediatismo. Contudo, surge

a necessidade do uso das telas diariamente, aparecendo de forma inédita, do dia para a noite, no cotidiano escolar, por conta de algo disruptivo: o isolamento social. Torna-se necessário, para famílias e escolas, dentro de nossa sociedade, a partir do contexto de isolamento, analisar o seu uso com crianças, sua necessidade e importância. O presente trabalho aponta, portanto, a necessidade de sensibilizar familiares e educadores, sobre o uso responsável das telas pelas crianças a partir da sua necessidade intensa no primeiro ano de pandemia do Covid19, como também as possibilidades de interação e de conexão, considerando as implicações no desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: tecnologia; pandemia; uso das telas; primeira infância

ABSTRACT

This work aims at discussing the new relationships that have been established between children and screens in 2020 with the advent of the pandemic. In a society characterized by the advancement of digital culture, the criticism of experts and common sense, digital presence in early childhood is noted for imprinting an acceleration on development processes and in favor of consumption and immediacy. However, there is an unprecedented need to use screens on a daily basis that has risen overnight in daily school life due to something disruptive: social isolation. It has become necessary for families and schools in our society, in the context of isolation, to analyze the digital use by children, its need and importance. Hence, the present work points out the need to call family members' attention as well as educators' to the responsible use of screens by children, based on their intense need in the first year of the Covid19 pandemic, as well as the possibilities of interaction and connection, considering the implications in child development.

Key-words: technology; pandemic; use of screens; early childhood

Introdução

“Todo aquele que chega, chega numa paisagem” Deleuze

Esse trabalho se propõe a discutir e analisar situações de interação de crianças de 5 anos, alunas de uma escola particular de classe média alta na cidade de São Paulo, com as telas no ano de 2020 durante a pandemia e o isolamento social. No texto, o leitor poderá acompanhar três situações que vivi junto a um grupo de crianças durante as aulas no ensino remoto.

Como coordenadora pedagógica de educação infantil acompanhei, de forma remota, muitas das aulas e muitas situações vividas pelos alunos. Consegui perceber que, mesmo à distância, e através das telas, as crianças conseguiram criar oportunidades de troca, de partilha, de afeto.

A partir dos casos que descrevo e analiso neste trabalho, tornou-se necessário questionar a crítica negativa sobre as telas e encontrar as possibilidades que estavam despontando nesses novos modos das crianças aprenderem, interagirem e conhecerem.

Para iniciar contarei como tudo começou e de onde surgiram as inquietações de pesquisa para a escrita deste trabalho.

A seguir o leitor encontrará a narrativa dos casos vivenciados por mim e também as análises, acompanhando os detalhes e as reflexões dessas três situações com as crianças. relato o que aprendi com este processo da escrita deste trabalho, explicitando minhas vivências junto às crianças, no ano da pandemia, sobre a relação criança versus tela.

1. A vez e a voz

Julho de 2018, há mais de 20 anos trabalhando com educação infantil, formada em pedagogia desde 1998. Procurava um curso de pós-graduação e não me identificava com as temáticas que via. Finalmente um título de pós-graduação me desperta interesse. A VEZ E A VOZ DAS CRIANÇAS, nome sensível; curiosa... faço a inscrição e dou início a esta jornada. Um final de semana por mês. Já conhecia Giuliano Tierno (um dos donos da Casa Tombada) e tinha gostado muito dos encontros de que ele participou na escola em que eu trabalhava.

O encontro dele com Adriana, já no 1o final de semana da pós, foi incrível! Uma aula inaugural esplendorosa. Cada encontro, um presente, uma presença, e o curso me surpreendendo em todos os sentidos. O curso nos leva a lugares e tempos infantis, a culturas de infância, de diversas naturezas e tudo vai fazendo sentido. Pesquisar crianças, elas em ação.

1.2. O interesse

As crianças sempre estiveram por perto. Eu, sempre perto delas. Parece imã. Tenho interesse genuíno pelo que estão fazendo, do que brincam, o que falam. Desde pequena me envolvia com as crianças. Muitas vezes, em encontros de família, era onde podiam me encontrar, brincando com os menores, sendo a “professora de mentirinha”. Levava jeito, todos diziam. Eu as entendia, parece. Gostava de estar junto e ouvir.

Estudei no Colégio Equipe e penso que lá tive professores incríveis. Gente que apreciava educação. Me formei no Colegial e prestei Psicologia, pensando que fosse uma carreira que me interessava. Porém, logo no 1o ano da Faculdade de Psicologia na PUC-SP, comecei um estágio na escola de uma conhecida da família. Chamava **Início**. Esse nome diz muito hoje, quando penso sobre lá atrás.... foi o início de tudo mesmo. Da minha carreira de educadora.

Logo no 2o semestre da Faculdade, pedi transferência para a Pedagogia, pois, naquele momento, tinha certeza da minha carreira e da minha paixão.

Sou pedagoga formada há mais de 25 anos e não me imagino em outra carreira. Passei anos em sala de aula, sempre na Educação Infantil. E hoje, há mais de 15 anos, trabalho como coordenadora pedagógica neste segmento em uma escola privada de São Paulo.

1.3. O tema

Há tempos o uso da tecnologia digital, por todos, de todas as idades, tem me chamado muito a atenção. Seu uso pelas crianças vem aumentando, acredito que de forma descontrolada. As telas têm silenciado as crianças. A voz e a vez são substituídas por uma presença virtual, que apesar de chamada de “conectada”, mostram uma geração sem conexão. Sem conexão com o mundo real à sua volta, sem conexão com a natureza, sem conexão com os que deveriam se relacionar e se conectar de fato.

Essa inquietação surgiu desde que passamos a presenciar cenas muito impactantes com relação ao uso da tecnologia pelas crianças. Crianças pequenas falando sobre joguinhos e vídeos assistidos no celular, famílias que, mesmo sentadas juntas numa mesa de restaurante, têm um dispositivo em mãos, adultos e crianças. Não conversam entre si, cada um está alheio, fazendo algo no aparelho.

Nessa pesquisa, me deparei o programa Café Filosófico, que traz para uma sessão intitulada "Intoxicações eletrônicas na 1ª infância", a psicanalista Julieta Jerusalinsky discutindo esse tema (<https://www.youtube.com/watch?v=CJCrRouBNAY&t=64s>)

“Vivemos tempos da virtualidade das relações, independente da idade. A exigência de estar permanentemente on-line inaugura uma forma de convívio onde as pessoas podem estar de corpo presente, mas, psiquicamente ausentes, olhando cada um para sua janela virtual. Como essa nova maneira de estar junto está afetando nossas vidas e principalmente o universo infantil?”

“...do cristal líquido das grandes telas televisivas dos lares e das pequenas telas portáteis de iPads e celulares que são levadas de um lado a outro junto aos bebês da atualidade. São essas máquinas que “falam” com as crianças por horas a cada dia.”

“...vivemos com essa relação (tecnologia) um misto de fascínio e de horror, fascínio pela capacidade do humano de inventar cada vez mais, e o horror pela imprevisibilidade diante dessas invenções...”

Com o final do curso de pós, veio a escrita do TCC. Meu primeiro interesse, a primeira pergunta que me instigou foi: o que as crianças de 5 anos diziam sobre as telas que conheciam?

Eis que, em março de 2020, às vésperas da escrita do TCC, a pandemia da COVID 19 aparece de uma hora para a outra e nos faz repensar absolutamente tudo isso.

Era 19 de Março de 2020 e saímos da escola com um computador embaixo do braço, destinados a trabalhar em “home office”, todas as escolas fechando, crianças ficando em casa, com a novidade de terem “aulas online”.

Saímos com planejamento para duas semanas, e lá se foi praticamente o ano inteiro. Foram 8 meses de aulas diárias pelo computador, conexões diárias por meio de telas, lições gravadas em áudio e vídeo, alunos mudando completamente a sua relação com as telas e muitos desdobramentos a partir disso tudo.

Não poderia manter a mesma pergunta no TCC, não fazia mais sentido ouvir das crianças o que elas sabiam das telas, quando todas as relações passaram a ser por meio delas. A pandemia me apresentou uma nova realidade, me trouxe outras questões.

Vontade de relatar as vozes dessas crianças sobre o que viveram no ano de 2020.

Registrar as diferentes possibilidades do que puderam viver, o inédito, a disruptura, algo que nunca havia sido vivido por nenhum outro grupo de crianças, nem de adultos. Passar praticamente 1 ano com relações escolares, sociais, familiares, por meio das telas. Diante disso, novas inquietações surgiram: O que as crianças de 5 anos viveram em 2020? Que relações estabeleceram com as telas? O que aprenderam? o que puderam aproveitar?

Adriana Friedmann, coordenadora da pós graduação, A vez e voz das crianças, nos indica a leitura de seu livro Linguagens e Culturas Infantis, 2013, e na página 28 encontramos: “Vivemos

tempos permeados de modismos e imensas ondas tecnológicas e consumistas, cujas consequências têm sido: o encurtamento da infância, uma precocidade em muitas intervenções junto às crianças; sobretudo, diria, uma imensa falta de respeito pelo ser mais profundo de cada um destes pequenos que tanto têm a nos ensinar. Vivemos tempos de rasgada violência, não somente pela voracidade das informações nas nossas vidas, o hipnotismo e a paralisia das nossas emoções e sensações, mas, sobretudo, pelo terrível atropelo no ritmo cotidiano dos pequenos...”.

Esse atropelo citado por Friedmann em seu texto diz justamente desse excesso todo que paira sobre as crianças, com relação inclusive ao tempo de exposição às telas e ao que consomem.

Entendemos que desde sempre, seja pela televisão e, atualmente, pelas telas da internet, nossas crianças se tornaram potenciais consumidores e são bombardeadas de informação.

Mas, em 2020, uma nova necessidade faz com que essas relações virem de cabeça para baixo, trazendo uma nova perspectiva para essa relação, uma nova ferramenta, potente, estava ao nosso alcance e devíamos olhar para ela de um novo jeito.

Trazer o lado positivo dessa relação. Surge minha nova pergunta.

1.4. A pergunta

A partir desse novo contexto e das possibilidades de conexão vivenciadas com as crianças com as quais convivía enquanto coordenadora pedagógica, pude observar ganhos diversos e também perdas nessa nova realidade marcada pelo isolamento social.

Como a tela pode ampliar e possibilitar relações sociais para crianças de 5 anos?

Essa foi a pergunta que me inspirou para a escrita deste TCC e que me fez pensar nos ganhos de 2020 dessas crianças em sua relação com as telas.

1.5 A pesquisa

Eu havia iniciado a primeira pesquisa junto a 18 crianças de 5 anos de idade, em uma sala de aula, de uma escola privada bilíngue em São Paulo.

Trabalho como coordenadora dessa escola e pedi aos professores para participar desses momentos. As crianças já estavam muito acostumadas comigo pois observo muitas aulas e acompanho os grupos em diferentes atividades.

Esse mesmo grupo foi para as aulas remotas a partir de março e durante o ano de 2020 acompanhei diversas atividades online com essas crianças. Semanalmente, a programação de aulas era enviada para as famílias, e, todos os dias, tínhamos momentos síncronos com os alunos.

No início, foi muito confuso, eles não sabiam o que fazer, não sabiam lidar com “aquilo” na frente deles. As crianças conheciam os equipamentos, mas nunca tinham sido convidadas a usá-los de forma ativa, tendo que apertar um botão para falar, tendo que clicar em algo que o professor sugeria. O uso da tecnologia digital feito pelas crianças antes da pandemia era mais passivo. Elas usavam as telas para assistir algo ou para jogos simples, de fácil manuseio.

A indicação da OMS (Organização Mundial de Saúde) cai por terra, quando, durante meses, as relações passam a ser quase exclusivamente pelas telas.

“For 1-year-olds, sedentary screen time is not recommended.”

For those aged 2 years, sedentary screen time should be no more than 1 hour; less is better.”

(para crianças de 1 ano, telas não são recomendadas e para crianças de 2, não mais de 1 hora recomendada, menos é ainda melhor - tradução livre)

Aos poucos, nitidamente, todas foram se familiarizando com tudo aquilo e nós, do lado de cá da tela, pudemos perceber como eram rápidos e como sabiam o que era para ser feito.

Escolhi algumas situações para expor aqui o que foi vivido por mim junto a esse grupo no ano da pandemia.

2.1. Os casos

Além das atividades propostas pela equipe de professores, eu, na coordenação, buscava algo além para as vivências dos alunos e alunas. Algo que extrapolasse os conteúdos de aula, algo que fosse inédito... que chamasse atenção deles. Por indicação de colegas da área, conhecemos o Skype for Classroom, uma plataforma que abria possibilidades de interação “online” com outros lugares do mundo.

Nessa ocasião, conseguimos agendar uma visita em um Santuário de Elefantes, no Tennessee, que pode ser visitado [aqui](#) e, outro dia, uma entrevista com uma criadora de tartarugas, do Mississippi.

2.1.1. caso 1: o santuário de elefantes

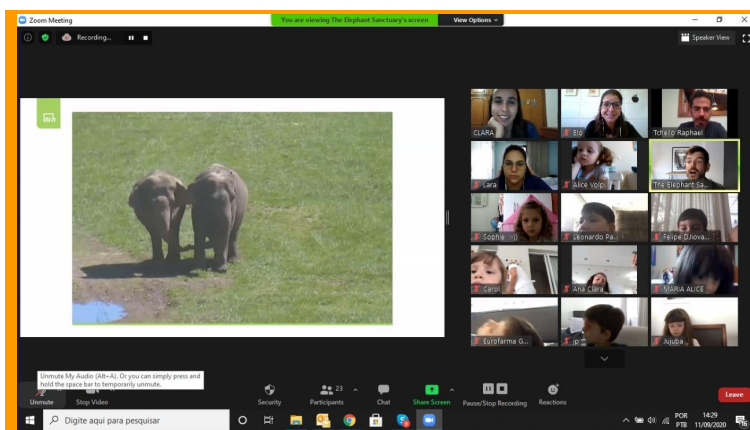


Figura 1

Educadores do local faziam a visita guiada, nos explicando tudo. Pacientemente, responderam às perguntas dos alunos, com entusiasmo. No Santuário Dos Elefantes, com câmeras ao vivo, pudemos observar os elefantes, em seu habitat natural e ver o que faziam, como se alimentavam, mamíferos enormes, caminhando lado a lado, encantando nossos alunos e alunas de forma tão ímpar. A conversa com o guia responsável foi riquíssima, além de trazer relevantes informações para todos, com imagens mais ricas ainda.

Pergunto a você, leitor, se já teria ouvido falar em um lugar desses. O guia chamava cada elefante pelo nome, ele os conhecia verdadeiramente, e pôde transmitir sua paixão para os alunos, mas também para nós, os adultos, que acompanhamos esse tour virtual tão único.

Depois da visita, recebemos retornos das famílias, maravilhadas com a possibilidade que eles tinham vivenciado, saber que um lugar como aqueles mantinha os elefantes em seu habitat natural, com a possibilidade de serem assistidos pelas câmeras.

Caso o leitor tenha ficado absolutamente encantado com essa maravilha, coloquei o link para uma câmera ao vivo, [aqui](#).

A possibilidade dessa visita virtual e a riqueza desta proposta é uma das situações vividas na pandemia que trago como presente inesquecível.

2.1.2. caso 2: e a criadora de tartarugas;

Ranger Randi, a criadora de tartarugas, ficou maravilhada por sermos do Brasil, e termos aqui o Projeto Tamar. Mostramos algumas fotos da desova das tartarugas no nosso país e pudemos também aprender mais sobre as tartarugas marinhas, com uma especialista no assunto. Ao final da entrevista sobre tartarugas, Ranger leu uma história para as crianças, que puderam viver mais uma experiência inédita.

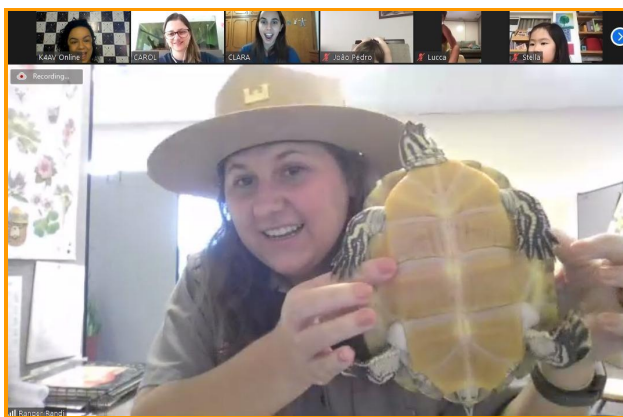


Figura 2

Assim como no Santuário de elefantes, conversar com alguém especialista em alguma coisa e que verdadeiramente ama alguma coisa, faz toda a diferença. Randi é uma apaixonada por tartarugas e ouvi-la falar sobre as mesmas nos deixou encantados.

A oportunidade vivida por eles foi novamente única, e por isso também escolhi essa história para contar.

2.1.3. caso: a criança e a avó e os meninos no recreio virtual

Durante o horário das aulas nos meses da pandemia, eu ficava online o tempo todo, trabalhando em comunicados para famílias, em grades de horários, reuniões com membros da equipe e gestão da escola, e atenta aos professores em caso de problemas com tecnologia ou qualquer outra questão. Estávamos em casa, com nossas famílias, todos trabalhando, então era necessário ter muito jogo de cintura em todas as situações e ter muita compreensão com questões profissionais ou pessoais.

Numa das aulas online, um dos professores me avisou que estava atrasado para voltar do pediatra de seu filho, e me pediu se eu não poderia “abrir a sala” (virtual para entrada dos alunos) e assim que chegasse em casa, ele conectaria.

Então, abro a sala de aula virtual e começo a “aceitar” os alunos da turma que vão chegando aos poucos, alguns quietos, e outros já querendo conversar, contar alguma novidade....

“meu dente caiu, olha, olha....” (com a cara grudada na câmera do computador)

“tem que pegar material, não tenho tesoura...”

“minha mãe falou que a gente não pode sair por causa do corona”

“não tem mais parquinho no meu prédio, tá tudo com umas faixas fechando, nem piscina”

Eis que umas das meninas me chama atenção.... olhar triste, eu pergunto:

“V. e você, quer contar alguma coisa?”

“Eu tô com muitas saudades da minha avó. Eu via minha avó todo dia depois da escola, eu ficava com ela até minha mãe voltar do trabalho, e como agora tem o coronavírus, eu não posso encontrar com ela....” E seguiu, ela precisa contar, ela precisava falar, ser escutada, e nós a ouvimos.... o professor entrou na sala do zoom enquanto ela contava, e ficamos tão impactados que ninguém a interrompeu até o final de seu relato.

“Ontem, eu falei para minha mãe que estava com tanta saudades que ela ligou de câmera para minha avó. A gente conversou um pouco, mas já estava tarde, na hora de dormir, e aí eu pedi pra ela me contar uma história para dormir, como ela fazia na casa dela. Ela pegou o livro que eu adoro, contou minha história preferida, assim mesmo no celular, e aí eu dormi. E foi o melhor dia da quarentena”.

Fico emocionada ao lembrar deste dia e da sensação de impotência ao ouvir essa história e nada poder fazer. Não havia nada a ser feito, ela precisa falar sua experiência e nós a ouvimos, com todo nosso tempo e respeito.

Por que escolhi esse relato? porque essa foi uma das "cenas" que marcaram a pandemia para mim. A ausência das relações sendo "substituída" pelas telas, pela relação através da tela. Era possível, a gente não imaginava, a gente não sabia, nunca tinha vivido o isolamento social, e era necessário manter o isolamento, mas era necessário o encontro, a partilha, o convívio, a hora da história contada pela avó.

Hora do recreio

No final das aulas online, antes de terminar o período, as auxiliares de cada turma propunham atividades recreativas para os que quisessem ficar mais trinta minutos conectados.

Jogo da memória online, jogo da forca, batalha de cartas etc faziam parte das propostas.

Nesse dia, um pequeno grupo ficou com Ciça, auxiliar do grupo de 5 anos, que tentava distraí-los e engajá-los com as propostas. Quando conversamos, ela me relatou que estava difícil, eles não queriam jogar, e que um deles pede a palavra e diz:

“Ciça, a gente pode só conversar? Não precisa colocar nada na tela, a gente quer conversar mesmo, a gente não conversa mais.”

Finalizo meus relatos com essa cena, que para mim, diz muito do momento, da pandemia, e do que estava acontecendo com as relações escolares.

A partir do momento que fomos para o ensino remoto emergencial não havia mais a hora do recreio, não tinha mais a troca e as partilhas que acontecem somente no intervalo da escola. Não são trocas da hora da aula.

O que esse aluno pedia para a auxiliar era tempo para falar com seu amigo, era sua voz. Que pedia para não ter nenhuma atividade a ser feita na tela, mas que ele seguisse ali, com o colega para poder falar o que falariam no recreio da escola.

Novamente, algo que não imaginávamos antes, acontecendo ali, diante de nossos olhos, a relação dos meninos e meninas pelas telas, sem nossa intervenção, sem jogos, ou qualquer atividade a ser realizada, e sim tempo, tempo de convívio entre os iguais.

Considerações Finais

Sendo o homem um ser de linguagem, é consistente apostar que toda nova prática da linguagem induz profundas transformações para os indivíduos que se encontram confrontados com ela – em A Arte de reduzir cabeças, de Dany Robert Dufour, livro indicado pela 1ª orientadora do trabalho, Josca Barouk, o autor faz um paralelo com a chegada do livro no Renascimento e a chegada da televisão em meados do século XX.

Tonucci, em A solidão da Criança, na página 70 vai dizer: “O pouco tempo livre que sobra à criança é da televisão. A televisão assume um papel importante na relação entre a criança solitária e seus pais: é a sua babá, a sua companheira de brincadeiras. E, como sempre fizeram as babás*, a televisão comunica à criança a sua proposta, a sua filosofia, e o faz mais com as propagandas que com seus programas. A criança é transformada, astuta e gradualmente, em consumidora, em compradora. Uma compradora poderosa porque não o faz com o seu dinheiro, mas obriga os adultos que estão à sua volta a fazê-lo. Adultos que sofrem de um sentimento de culpa pela solidão da criança e que, portanto, se encontram, como reféns, nas melhores condições de resgate.”

Vemos aqui uma crítica sólida à questão do consumismo que começa com os anúncios de TV e hoje vemos nos vídeos veiculados pelo *Youtube*, mídia acessada atualmente por crianças de todas as idades. Para assistir “mais aos nossos vídeos, clique no sininho, dê uma curtida, siga nosso canal”, são exemplos de como essas falas vão sendo repetidas e inseridas inclusive no vocabulário dos pequenos.

Crianças são expostas à televisão antes mesmo de falar, o consumo de imagem atinge várias horas por dia. Segundo pesquisa da Unesco, “as crianças do mundo passam em média três horas por dia diante da tela, o que representa pelo menos 50% mais de tempo consagrado a esse meio que a qualquer outra atividade”

Em estudo recente, de 2019, a OMS (Organização Mundial de Saúde) aponta que crianças de até cinco anos de idade não devem passar mais de 60 minutos por dia em atividades passivas diante de uma tela de smartphone, computador ou TV. Alerta ainda que bebês com menos de 12 meses de vida não devem passar nem um minuto na frente de dispositivos eletrônicos.

A onda de intensidade tecnológica está por toda parte, não apenas no universo das crianças. Temos aplicativos que ajudam usuários a entender quanto tempo estão passando conectados em seus aparelhos. Isso mostra que existe uma preocupação com esse uso excessivo.

Em seu livro *Linguagens e culturas infantis*, Adriana Friedmann (2013, pág 28) coloca: “Vivemos tempos permeados de modismos e imensas ondas tecnológicas e consumistas, cujas consequências têm sido: o encurtamento da infância, uma precocidade em muitas intervenções junto às crianças”.

Essa onda atropela o ritmo da infância, os tempos infantis e as individualidades não são respeitadas nem levadas em consideração, porque o que importa é o consumo e a massa. A criança passa a ser vista como consumidora e compradora. Uma consumidora poderosa que faz com que os adultos à sua volta comprem os seus desejos.

Essa relação entre o excesso das telas e a necessidade das telas para diversas situações fez com que pensássemos de formas diferentes sobre o uso das telas durante a pandemia.

Como poupar uma criança do contato com sua avó?

Como que os meninos e meninas poderiam "brincar" ou conversar com seus amigos?

E ainda, como promover as mais diversas experiências no âmbito escolar, sem o contato físico, sem a aula “ao vivo” ?

Apesar de todo o lado negativo dessa exposição, das contra-indicações antes de Março de 2020, passamos a considerar o lado positivo e agregador desse uso.

Percebemos que inclusive afeto, e aqui digo no sentido de situações de carinho, mas também de afetar o outro, e ser afetado.

Entrevistas de emprego, encontros amorosos, aniversários, formaturas, happy hours....

Todas essas situações que antes dessa data jamais teriam sido imaginadas através de uma tela, aconteceram, e não poucas vezes, muitas, inúmeras até, pelas telas de smartphones, computadores, tablets...

Vivemos um paradoxo nesses tempos com relação ao uso desses equipamentos e da tecnologia em si.

Se de um lado temos colocações de restrição e crítica, do outro, aprendemos que para seguir com as relações humanas num ano de isolamento social, as telas eram necessárias.

No livro indicado por colegas da pós-graduação, *A poética da Infância*, de Katia Tavares e Severino Antônio, encontramos o seguinte: não se trata, evidentemente, de negar a urbanização nem a revolução científica e tecnológica. Trata-se de aprender a lidar com essa realidade, trata-se de transformar o que for necessário para humanizar a história, singularmente a da infância.

“Assim, é imprescindível pensar e repensar a relação das crianças com as tecnologias digitais. O contato deve ser orientado pelos adultos. Devem ser feitos acordos a respeito de quando e como usar. E conversar sempre, assim como oferecer alternativas: de brincadeiras, de convívio com outras crianças, de relação viva com a natureza, de histórias, de livros....”

Outra leitura que me apresentaram ao saber do tema do meu trabalho foi o livro: *Tudo o que é ruim é bom para você*, no qual o autor Steven Johnson defende: ...”não vou insistir nesse ponto, porque a premissa de que o aumento de interatividade faz bem ao cérebro não é nova. Mas vou dizer o seguinte: a ascensão da internet desafiou nossa mente de três maneiras fundamentais e

correlacionadas: por ser participativa, por forçar os usuários a aprender novas interfaces e por criar novos canais de interação social.”

E ainda, ressalta: “quase todas as formas de atividade on-line são participativas por natureza... Steve Jobs gostava de descrever a diferença entre televisão e internet como a diferença entre mídias para o usuário se recostar na poltrona ou para ele se sentar na beirada da cadeira. O computador conectado à internet faz o usuário se inclinar, prestar atenção, se envolver, ... esse é o conhecido argumento de que a interatividade faz bem,...”

Terminei minha escrita com essa reflexão, esse paradoxo do mundo de hoje, entre o não recomendado e o necessário.

E faço uma pergunta a você leitor: as telas podem contribuir para as relações sociais, profissionais, afetivas e de aprendizagem numa situação de isolamento?

FIGURA 1

Captura de tela do Santuário de Elefantes

FIGURA 2

Captura de tela da conversa com a criadora de tartarugas Ranger Randi

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRIEDMANN, A. *Linguagens e Culturas infantis*. São Paulo: Cortez, 2013

TONUCCI, F. *A solidão da criança*. Campinas, SP: Ciranda de Letras, 2019

DUFOUR, D. *A arte de reduzir as cabeças*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005

ANTÔNIO, S & TAVARES, K. *A poética da infância, conversas com quem educa as crianças*. Cachoeira Paulista, SP: Editora Passarinho, 2019

JOHNSON, S. *Tudo que é ruim é bom para você*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012

Anotações de 2 anos, das aulas na Casa Tombada

26/08/18 - Professora Adriana Friedmann

Da infância ideal à infância real - memórias de infância.

Até que idade vai a infância?

Usar o plural infânciaS. CriançaS

Necessário dialogar nas áreas de conhecimento, uma área só não dá conta.

Como identificar as potências e não frisar as faltas?

22/9/18 - aula da Sandra Eckschmidt

Falar de escuta, de olhar, de presença. Como estamos no mundo.

Quais são as formas de se apresentar? Só usamos narrativas, não pensamos em outras linguagens.

Sempre falamos do que a gente faz, fugimos da emoção, falamos do que somos e não do que gostamos.

O corpo é um disparador de memórias da infância. Tudo o que a gente viveu, passou pelo corpo.

O corpo de uma criança deve ser sempre considerado, é a 1ª vez de tudo dela. Ela tá conhecendo o mundo.

A gente tá na vida atropelando a vida.

27/10/18 - aula da Soraia Chung Saura

A escola deve ser a grande comunidade para nossos alunos.

No racional, o tempo é linear, nas tradições o tempo é cíclico. A repetição faz parte, viver de novo a mesma coisa, de outro jeito. Nas festas tradicionais, as relações sociais que se estabelecem são tão importantes quanto a própria festa. A preparação é importante, preparamos a comunidade.

A criança observa o adulto, ela se alimenta do adulto, ela olha pra esse adulto, fonte que nutre.

Devemos olhar para a potência e não pra falta, explorar cada potência, parar de querer mudar a

pessoa, trabalhar em direção da força que enxergamos, está tudo no corpo deles, eles são o corpo.

Dar tarefas que precisem de corpo.

24/11/18 - Aula da Ângela Castelo Branco

“Todo aquele que chega, chega numa paisagem” Deleuze

Escrita é mais que a palavra no papel, é toda a experiência. ... Escrever vem de riscar, deixar uma marca, nasceu dessa necessidade, marcar uma superfície.

Poesia é tudo aquilo que altera a sua respiração.

Produção autoral dessa aula

NOTAR

Ao chegar à Casa Tombada, olhares.

*Tombam sobre cada um que adentra, olhares.
Trocamos ao longo do percurso, olhares.
Notamos uns aos outros, olhares.*

25/11/18 - Aula do Giuliano Tierno

“A perfeição é desumana porque o ser humano é imperfeito” Fernando Pessoa
“Educação tem a ver com nascimento, milagre é nascer.” Hanna Arendt
“Complexidade é a junção de muitas simplicidades” Ballman

A infância é o lugar da impossibilidade.
Sujeito da experiência é aquele que perde o pé.
Parar pra pensar não é coisa a toa

23/2/19 - aula da Adriana Friedmann

"A gente entra no território, a gente não tira a criança do lugar dela. A gente pede licença e entra."

24/2/19 -aula de Jean Pierre Roussie

“a vida do pesquisador tem que estar ligada com a pesquisa”

30/3/19 - aula de Wellington Nogueira

A alegria está na possibilidade do encontro. Olho nos olhos dela, pergunto se posso entrar, disse não, você sai. Pra ela fica: eu fui ouvido.
Não somos aplicativos, mas pedem pra gente se atualizar o tempo todo.
A moléculas, por exemplo, “brincam” no estado líquido.
“o maior perigo é conhecer um lado só na história” - Chimamanda
Quando há afeto, somos afetados.
"Todo mundo é uma criança buscando aprovação."

produção autoral dessa aula
Encontro de olhares
Encontro com escuta
encontro de almas

Grupo conectado, que se encontra a cada encontro
Respiração, escuta, olhar. Afetar e ser afetado.

31/3/19 aula da Luiza Christov

Conhecimento não é apenas informação. Conhecimento é deslocamento, é sofrimento, é sair do lugar.

Se o texto for, se o texto for vida, você vai falar; você vai precisar falar, você sobe lá e fala.

“o excesso de informação impede a experiência” - Walter Benjamin

produção autoral desse encontro

para você, que nos propiciou uma manhã TOP, que nos tirou da caverna, como mestre, nos mostrou outra perspectiva, mostrou a potência de estar no mundo, com os nossos conhecimentos.

27/4/19 Roberto

“criança é emoção o tempo todo”

“confusão, COM fusão, sempre tem fusão no meio”

25/5 aula de Silvana Augusto

“professor: mediador de cultura e das experiências das crianças”

"ciência e arte = criatividade. Da Vinci imaginou o homem voando, depois virou algo, imaginário criador.”

“nosso brinquedo principal é a nossa imaginação”

29/6 aula de Luiza Lameirão

“o que a memória ama, fica eterno. Adelia Prado

“precisamos colocar luz no que encantou, o que surpreendeu, o inesperado. Precisam estar no cotidiano: encantamento e inesperado.”

30/6 aula de Luiza Lameirão

"indispensável observar nas crianças: movimento, linguagem, expressões e comportamento

“ a vez e a voz das crianças depende da nossa percepção auditiva”

“os acasos são o melhor dos processos”

produção autoral dessa aula

Encontrar-se com o entusiasmo

O silêncio enquanto escuta

Miradas no espelho

Acreditar sempre no acaso

Como? Como? Tempo, tempo, tempo.....

professora Lia Diskin

“Vida é relação. Não vivemos, convivemos. Não existimos, coexistimos”.

“ética é para a sociedade o que as sinapses são para os neurônios.”

25/08/19 aula de Luiza Christov

“Somos naturalmente culturais” Humberto Maturama

“Conhecimento como estar com; como sujeito e ver no outro sujeito; assumir-se sujeito. O outro como livre e responsável - igualdade”. Luiza

“Ver o outro como experiência” Larossa

29/09/19 aula de Rita Mendonça

“escuta sensível: se colocar no lugar do outro”

“crianças devem reconhecer todos que habitam a escola. tudo é relação”.

23/10/19 Professor Rodrigo -

“Pra ser protagonista, eu preciso me saber potente. Preciso ter um propósito, pertencimento, aquilo que faz sentido, daí nasce o protagonismo”

“Precisa assumir a potência, se sentir potente para protagonizar”

“A energia que a gente coloca nas coisas, é a energia que recebemos em retorno”.

7 práticas:

OLHAR, AFETO, SONHO, CUIDADO, MILAGRE, CELEBRAÇÃO, REVOLUÇÃO

Produção autoral dessa aula

Obrigada por olhar para nós com tanto afeto e compartilhar sonhos com tanto cuidado, nos mostrando pequenos e grandes milagres, e nos fazendo sentir parte dessa celebração coletiva e acreditar sempre em buscar a RE-evolução!

23/11/19 aula de Natacha Costa

“A educação não é a preparação para a vida, é a própria vida, é um processo, está em desenvolvimento, não é um preparo.” Dewey

24/11/19 aula de Adriana Friedmann

“Saber e não saber, construir e desconstruir...”

“Caminho no caminhar, como fazer perguntas.... como recortar o que importa, e, finalmente, como chegar nas crianças.”